

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 2.

SABBADO 14 DE ABRIL.

1860.

RELATORIO APRESENTADO PELO SECRETARIO
GERAL NA SESSÃO MAGNA DE ENCERRAMEN-
TO AOS 20 DE OUTUBRO DE 1859.

Illustrissimos e Dignissimos Senhores
Socios do Instituto Academico Pau-
listano.

Em virtude do art. 17 dos Estatutos, ve-
nho relatar-vos a marcha do Instituto, e fa-
zer um retrospecto dos relatorios apresenta-
dos pelos Secretarios das Secções. Historiar
o primeiro periodo da vida desta Associação,
mostrar como ella se pode consolidar, quan-
do tudo fazia desconfiar de que ella não che-
gasse a ser fundada, apresentar um quadro
de seus trabalhos, e chamar vossa attenção
para algumas medidas necessarias, — é o de-
ver que hoje tenho a cumprir perante vós.

Para isso permiti que acompanhe a sua
vida desde o momento que uma intenção ge-
nerosa concebeu a sua criação.

Sendo este trabalho o primeiro sobre a
existencia do Instituto Academico, parece-
me que para ser completo, não deverá es-
quecer como foi ella concebida, como foi
que o germen se tornou em flor, a idéa em
uma grande instituição. É uma necessidade
que procurarei satisfazer. A obra merecia
artista mais habil; mas accitai o que vos
posso dar, e não exijaes, Senhores, mais de
mim.

Assim tomarei o fio de mais longe.

Ha um anno nesta mesma casa, um con-
vite da *Sociedade Ypiranga dos Progressis-
tas* atrahira um grande numero de Acade-
micos a discutir um projecto, que ella queria
submitter á sua consideração. A novidade e
o mysterio produziram seu effeito; a con-
corrença foi immensa, a discussão anima-
dissima, e em poucos dias uma nova Socie-
dade litteraria com um fim muito nobre era
fundada pelos Academicos.

Na sessão que teve lugar no dia 19 de Se-
tembre do anno passado, o Sr. Dr. José Tell
Ferrão, em nome da *Sociedade Ypiranga dos
Progressistas*, apresentou em discussão a
criação de uma associação litteraria, offere-
cendo a seguinte proposta:

«A *Sociedade Ypiranga dos Progressistas*

vigilante em promover todos os meios que
conduzam ao progresso, mórmente a juven-
tude Academica, em quem com especialida-
de repousam as lisongeiras esperanças do
Paiz, porque o seu futuro depende princi-
palmente della: reconhecendo que a criação
de uma Sociedade puramente Academica,
com fins especiaes e limitados ás materias
do curso juridico, desenvolvidos de maneira
convenientemente estabelecidos, seria um
poderoso agente na aquisição das theorias
necessarias, e um meio de summa utilidade
a empregar-se para facilitar e melhor desen-
volver os conhecimentos das sciencias so-
ciaes e juridicas: houve por bém deliberar
que uma proposta no sentido da criação de
uma tal sociedade vos fosse hoje presenta-
da; para que sendo por vós attendida, e to-
mada na consideração que merece, delibe-
reis, como interessados, segundo melhor vos
parecer.

Cabendo-me a iniciativa da proposta, te-
nho a honra de fazel-a deste modo:

Art. 1.º A Sociedade se proporá ao es-
tudo exclusivo das sciencias que formam o
curso juridico.

Art. 2.º A Sociedade se subdivirá em
tantas Secções, quantos são os annos do mes-
mo curso; e estas em sub-secções segundo
as cadeiras.

Art. 3.º O estudo em cada secção e sub-
secção acompanhará impreterivelmente a or-
dem; que fôr seguida nos respectivos cursos.»

Ao mesmo tempo que se apresentavam
estas bases, o Sr. Dr. Ferrão deixava entre-
ver que esperava o concurso de alguns Srs.
Lentes na direcção dos trabalhos.

Immediatamente se nomêa por aclamação
um Presidente e um Secretario interinos, e
se procede á diseussão. Durante esta sessão
preparatoria, e na de 23 do mesmo mez se
discute a possibilidade da criação de uma So-
ciedade sob tão longas bases.

Uns accitam a idéa com todo o enthu-
siasmo, e buseam fazel-a triumphar. Outros,
porém, nella enxergam uma utopia, contra
a qual se revolta a natureza academica, e
para combatel-a mostram as difficuldades
com que lutam as sociedades litterarias, que
já existem em S. Paulo, e que mal se sus-

tentam pelo amor e dedicação de um resumido numero de jovens, que se mostram sempre constantes em remover todos os obstáculos.

Porém nessa ultima sessão os esforços do Sr. Dr. Ferrão são coroados de bom exito, e é votada a criação do Instituto.

Em mais quatro sessões preparatorias, que tiveram logar nos dias 27 e 30 de Setembro, 14 e 18 de Outubro se discutiram os Estatutos, de cuja confecção foram encarregados os Srs. Tavares Bastos, Caetano Xavier e Dr. Ferrão.

As bases, porém, soffreram uma modificação e foi a suppressão das sub-secções, pelos inconvenientes que traziam em dividir muito os trabalhos. Modificação esta que se reconheceu necessaria logo na primeira sessão.

Igualmente se consagrou nos Estatutos a esperanza de um apoio immediato da parte dos Srs. Lentes, reservando-se-lhes a presidencia dos trabalhos desde que comparecessem ás sessões. É uma esperanza, um desejo de animação que a mocidade deposita em seus Mestres.

Desde que se acharam impressos os Estatutos se tratou de installar o Instituto Academico Paulistano; assim se denominou a nova associação.

A installação teve logar na noite de 23 de Outubro de 1858, em casa do Sr. Dr. Ferrão.

Uma esperanza ahí se realiso, o respeitavel ancião, o Sr. Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, acceitando benignamente o convite da *mocidade academica*, se apresentou a presidir á sessão de installação. A mesma voz que ha pouco ouviamos ensinando a sciencia, deixava cair uma a uma doces palavras de amizade, de confiança no futuro da nova sociedade, e nos esforços de seus discipulos.

As Associações Athencu Paulistano, Ensaio Philosophico, Culto á Sciencia e Ypiranga, mandaram seus oradores honrar nossa sessão, enviando-nos uma saudação fraternal.

Aquí pararam as sessões nesse anno, em virtude do art. 10 dos Estatutos.

No principio deste anno, na sessão de 27 de Março, depois de inscriptos os Socios, se reunio o Instituto em assembléa geral para eleger os funcionarios, tanto geraes, como das respectivas secções.

A eleição que a bem dizer foi tranquilla, apresentou o seguinte resultado :

Presidente Geral : o Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.

Vice-Presidente : o Sr. Caetano Xavier da Silva Pereira Filho.

Secretario Geral : Emilio Valentim Barrios.

Secretario Adjunto : o Sr. Sebastião Rodrigues Barcellos.

Orador : o Sr. José Tito Nabuco de Araujo.

Thesoureiro : o Sr. Francisco Nepomuceno Prates.

Presidente da 5.^a Secção : o Sr. João Pinto Moreira.

Secretario : o Sr. Manoel Ferreira de Mattos.

Presidente da 4.^a Secção : o Sr. Luiz Antonio Coelho da Silva.

Secretario : o Sr. Augusto Cesari de Padua Fleury.

Presidente da 3.^a Secção : o Sr. Generoso Alves Ribeiro.

Secretario : o Sr. Francisco de Paula Ferreira e Costa.

Presidente da 2.^a Secção : o Sr. Pedro Antonio Ferreira Vianna.

Secretario : o Sr. Domingos Alves de Brito.

Presidente da 1.^a Secção : o Sr. Constantino José Gonçalves.

Secretario : o Sr. Theophilo Carlos Benedicto Ottoni.

(Continúa.)

Academia.

Consta que está proximo o concurso para uma das vagas de Lente Substituto desta Faculdade de Direito, e que tem de apresentar-se somente o Illm. Snr. Dr. Falcão Filho.

A capacidade e illustração desse moço são reconhecidas, e não padece duvida que elle no magisterio pode, e ha de prestar muitos serviços e utilidade á mocidade e ás letras: como particular, o Snr. Dr. Falcão Filho—reune excellentes qualidades, que lhe tem grangeado e continuarão a grangear sinceras sympathias do corpo accademico.

Felizmente esta Faculdade, que já contava com habeis e eruditos Lentes — a maior parte dos quaes são por mais de um titulo credores de respeito e apreço—, acaba de receber (no anno proximo findo) mais dois— os Ill.^{mos} Snr.^s Dr.^s Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Francisco Justino Gonçalves de Andrade, que, por suas habilitações, muito e muito promettem fazer á bem daquelles, que tem de doutrinar.

Conhecemos mais de perto o Snr. Dr. Gonçalves de Andrade, cuja intelligencia não vulgar e profundos conhecimentos por mais de uma vez se tem manifestado : esses predicados, que ninguem lhe poderá negar, reunidos ao seu bello character autorisam-nos a esperar fundadamente que elle corresponderá sempre á favoravel expectativa dos academicos, que—em geral—applaudiram sinceramente sua ascensão ao importante e difficil cargo, que honrosamente hoje occupa.

Do Snr. Dr. Antonio Carlos, de quem temos ouvido lisongeiras informações, fazemos mui favoravel juizo, sendo de esperar que seus actos o confirmarão sempre.

Não se espera somente que os novos Lentes expliquem bem as materias que tiverem de leccionar : que satisfactoriamente resolvam da *Cadeira* esses problemas, que á cada passo se encontram nas sciencias sociaes e juridicas,—o que, é verdade, já é muito ; porém, ainda mais, e com razão, se espera delles—e é que escrevam sobre esta ou aquella especialidade, que, a cada um delles, mais attrahir. Realizando-se isso, e pondo-se-o successivamente em pratica—com jubilo veremos o progresso das letras entre nós, que estamos ainda tão atrasados. Oxalá que elles—mais em contacto com os estudantes—possam tambem mais facilmente favorecel-os com suas luzes!—

Note-se que não queremos essa convivencia dos Lentes com os Estudantes—que faça diminuir o respeito que estes devem áquelles : falla-se desse *contacto*, em que, com escolha—bem entendido—, é vantajoso que o Mestre ande com o Discipulo—. Deste quanto não deve ser Amigo aquelle e vice-versa?— Seus conselhos e proficua direcção de quanto lhe não poderão servir ?

« Com o perfume e variedade de cheiros se delecta o coração: e com os bons conselhos do amigo se banha a alma em doçura. »

(Prov. XXVII, 9.)

Uma reforma na Faculdade—eis o que se espera, e o que muito se deve almejar.

Boas producções do Mestre que o Discipulo leia e estude—é cousa appetecivel. Já alguns dos distinctos Lentes desta Faculdade tem escripto—e com muita vantagem ; justiça lhes seja feita—.

Conhecemos desses Senhores, á que nos referimos, obras de geral interesse, á jurisprudencia do nosso paiz, já facilitando o difficil e arduo estudo de nossa complicada Legislação e de alguns dos importantes pontos do Direito Civil Patrio, e já adaptando, aos Principios do Direito Administrativo, e desenvolvendo-as—as nossas leis—etc. etc.

Esperamos que esses Apostolos da Sciencia continuem a trilhar o mesmo caminho, continuando a legar-nos esses brilhantes productos de sua intelligencia, saber e dedicação ás letras : desejamos que elles, em tão nobre intento, sejam acoroçoados, que seus merecimentos sejam devidamente recompensados—(e não de sêl-o—quando menos—pelo renome) ; esperamos ainda que sejam imitados por aquelles outros que sulcam as mesmas *aguas*!

Assim lance o nosso Governo mais benignas vistas para as nossas Faculdades de Direito—e anime o seu progresso e desenvolvimento ! Meios, para isso, não lhe faltam, assim como não lhe faltam para outras cousas de menor alcance, e, muita vez, desnecessarias e futeis....

Deos nos ouça....

†. †. †. †.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

I.

Eis-nos no Sabbado, meus caros meninos, no Sabbado, digo eu, pois é o mesmo que se dissesse—em o dia das composições— em o dia em que cada alumno d'este Collegio tem de dar um documento do seu progresso ou estado de conhecimentos adquiridos, em que cada um de vós manifestareis por meio de vossa composiçõesinha hebdomadaria: o adiantamento ou atrazo em que estaes na longa, porem brilhante carreira das letras; em que patentearéis o grande desenvolvimento intellectual a que tiverdes attingido; o dia em que claramente mostrareis o vosso zelo ou negligencia, no cumprimento de vossos deveres como estudantes; em que provareis a felicidade ou apoucamento da vossa intelligencia; em que o resultado das vossas locubrações devem apparecer. O Sabbado, pois, é o dia das provas entre vós, e o dia que todos deveis mais estimar, por essa mesma cauza; visto que o bom estudante

nada tanto deve aspirar, como a occasião em que prove, que tem aproveitado bem o seu tempo; e se tornado digno dos sacrificios que em favor da sua educação teem feito os seus progenitores; e que tem sabido comprehender e aproveitar-se dos esforços de seus mestres, no cultivo e direcção d'essas faculdades com que o dotou o Misericordiosissimo Pai do Céu. O Sabbado entre vós, é um grande dia; eia pois, caros meninos, mostrae-vos n'elle sempre grandes.

As composições são um poderoso meio de conduzir-vos a um elevado gráu de saber e ao gozo de brilhante reputação.

Foi uma das mais felizes lembranças, que presidiu á fundação deste estabelecimento, a que suggeriu a instituição destes exercicios litterarios semanaes; pois que grandes beneficios delles podeis tirar, mui grande sendo o seu alcance.

A composição, não só é uma poderosa razão para que venhaes a escrever bem, e segundo todas as regras grammaticas: como principalmente, pode tornar-vos um bom escriptor; o que é uma das maiores vantagens que o homem pode gozar.

Conpenetrae-vos, pois, da importancia de um tal trabalho, e do seu alcance, para que apreciando devidamente um meio tão seguro, divertido e interessante de vos conduzir á gloria, delle lanceis mão; a fim de colherdes os bellos e deliciosos fructos que vos offerece. Avante! avante, meus caros meninos; esmeraevos em produzir cada semana uma boa composição. Tendes dias sufficientes em que podeis ir elaborando um bello trabalho, que vos dê honra e gloria no Sabbado. Com a muita leitura, adquirireis idéas e conhecimentos que mais se multiplicarão com o esforço da intelligencia. Possuidos da vontade de acertar, e entregues aos exercicios conducentes com um tal fim, alcançareis o escrever certo; e sendo caprichosos e esmerados nas vossas emprezas, conseguireis produzir com a vossa penna, um lindo character de lettra. Da leitura, da reflexão e observação, da combinação e do esmero junto ao desejo do engrandecimento proprio, de vos exaltardes entre os vossos semelhantes, ireis tirando bellas composições, que cada dia se tornarão mais formosas, criando-vos um nome e um titulo hisongeiro; e recompensando os esforços e sacrificios dos vossos maiores.

Avante! avante, pois, caros meninos; disposição, coragem e perseverança, energia e ordem, methodo e systema; e triumphareis, vereis bem recompensadas todas as vossas fa-

digas; conseguireis victoria; e grande será a gloria vossa, e excessivo o prazer dos vossos. Proseguí! Proseguí!

MISERIAS DA ESCRAVATURA.

SCENAS VERIDICAS (1).

I.

Por uma bella tarde de verão, dois cavalleiros subiam um morro, e pararam na sua sumidade. A vista que se lhes desenhou aos olhos era realmente digna de fazel-os parar. Elles saíam do interior d'uma matta espessa e achavam-se repentinamente inundados de luz. Defronte, estendia-se um terreno plano, apenas ondulado por pequenas colinas, e ía se perder no horisonte. O horisonte estava inflamado pelo sol que se deitava. Grandes castellos de nuvens vermelhas tomavam fórmias diversas a medida que o sol descia, ou o vento as movia. Os viajantes poderam contemplar dois traços da belleza do Creador: uma no Céu, e outra na terra. Cumpre porem, notar que o mais moço lançou primeiramente os olhos para a belleza do Céu, e só depois de sentir o coração dilatar-se á vista daquelle espectáculo, foi que os baixou á terra para tambem admirar a sua belleza, em quanto que o outro, que era mais idoso, não poudé reter uma exclamação de satisfação, digamos antes, de orgulho, a vêr aquella belleza da terra que se lhe offerecia aos olhos.

Qual a razão disto? É facil de conceber-se. O viajante mais moço era um estudante, porem um estudante applicado, cuja intelligencia era votada unicamente á Sciencia. O outro viajante era um opulento fazendeiro de café: assim entre a belleza do Céu, e a belleza de seus cafesaes—claro es-

(1) O auctor deste conto, e de outros que intenciona publicar sob este titulo, não pretende prégar a sublevação, nem tão pouco censurar aos senhores de carne humana, a maneira porque tratam e educam os seus escravos. Elles teem consciencia.... e esta lhes mostrará, tarde ou cedo, a differença que vai d'um ser livre a uma machina bruta.... O auctor deste conto unicamente quer mostrar que entre essas machinas vivas, tambem ha historias—cujas paginas cortam a alma de dór, e ás vezes fazem subir a vergonha ao rosto.... porque a dignidade humana se revolta ao lêl-as.

E' este seu unico sítio, e o auctor ficará satisfeito se alguém ao lêl-o exclamar: Isto é verdade?...

tá que elle olharia para esta com toda a complacencia e orgulho com que um bom pai olha para um filho robusto e bem disposto.

De feito, o fazendeiro tinha sobeja razão para se orgulhar de sua obra.—Pelo espaço de mais de meia legua, o viajante somente via café e mais café. Plantados em ordem, bem alinhados, os cafezeiros pareciam fileiras d'um grande exercito collocado em ordem de batalha.

Lá em baixo, nas bazes do morro, erguia-se a casa de moradia do fazendeiro, edificio grande, mas sem gosto. Junto della passava uma corrente d'agua um pouco turva, saindo d'um grande tanque fazia girar as diversas maquinas de preparação do café. Ao lado da casa haviam grandes terreiros destinados á dissecação do café; e junto delles uma grande casa, baixa, em cujas paredes, apenas rebocadas havia uma só porta. Era a senzala dos escravos.

O fazendeiro, tendo explicado tudo isto ao seu companheiro—que tal era a pressa de ostentar seus teres, convidou-o a descerem o morro, e irem jantar.

Ao atravessarem o cafezal o moço estudante ouviu derepente uns ais lastimosos e uma bulha de azorrague que caía em carne humana.

= O que é isto?! perguntou elle assustado: será alguém que estão assassinando?.

= Qual lhe respondeu o companheiro,— é algum negro *mandrião* que o feitor está castigando. Vá vêr que o patife estava dormindo no serviço.

= Mas é uma barbaridade replicou o estudante. Como é que se pôde castigar assim a um homem...

= Um homem! interrompeu o fazendeiro. Vejo que o doutorzinho é desses que acreditam que um negro é igual a um branco...

O estudante calou-se. Elle tinha bastante senso para não entrar n'uma discussão cujos resultados já elle sabia pela exclamação do fazendeiro.

Callou-se; mas comsigo protestou escrever tudo que visse e soubesse relativamente aos pretos desta fazenda.

Ahi váe o que elle colheu em resultado.

OFFERECIDA AO ILLUSTRÍSSIMO SENHOR
DOUTOR JOSÉ TELL FERRÃO.

O Progressista.

E' homem que vive da voz do progresso
A quem tudo aclama, potente Senhor;
Não cortam-lhe os passos montanhas soberbas;
O imperio das aguas não faz-lhe terror.

Profundo medita; ingente prosegue
No plano traçado por sua razão;
Adora na terra virtude e sciencia;
Despresa a vaidade, do mundo illusão.

Sublime em si mesmo, caminha orgulhoso
Deixando o passado com fé no porvir;
Trabalho, esperanza lhe cingem a fronte,
Que cria outro mundo p'ra nelle existir.

E o Tempo lhe cede, penetra no Espaço
Com nobre coragem contrata uma empreza;
Não treme-lhe o braço que erguera um colosso;
No ferro e no bronze não acha dureza.

A'vante! proclama do alto da Imprensa;
Desperta na penna seus caros Irmãos;
E dá-lhes a vida que o somno roubára;
Convida-os activos, a darem-se as mãos.

A'vante! convence, commove, arrebatá
Fallando a linguagem que Deos ensinou;
Linguagem perjura d'hypocrita forma
Não mancha a bandeira que altivo hasteou.

A terra em que pisa, a fonte em que bebe
Promette-lhe fructos, reflecte-lhe o sol;
Da noute se esquece, prosegue de dia
Guiado por grande, sublime pharol.

Si canta, opprimido por ferreas cadeias,
Que ligam, rouxeam seus pulsos d'heroe,
Seu canto proclama verdade e progresso,
Que a Patria libertam do mal que lhe dóe.

Com os pés sobre a terra, com os olhos no Ceo
Não cança, não pára; prosegue p'ra diante;
E o Mundo lhe brada, com voz repetida:
Não cances, não pares; prosegue, ó Gigante.

Abril 14 de 1860.

Sousa Lintz.

As parelhas na Luz.

No domingo á tarde... que bella tarde foi essa! bella em todo o sentido!

O sol era claro, o céo azulado, a atmosphera pura e diaphana. Em outro qualquer domingo por certo que seria aproveitada no mais delicioso passeio; mas nesse...

Nesse havia parelhas na Luz, não era possível que ninguém deixasse de la ir. E realmente tudo foi.

Ali pelo voltar das 4 horas, a cidade toda despejava-se por aquella rua da Constituição abaixo, e la pela rua Alegre, que era mesmo uma maravilha. D'ahi a pouco estava aquelle largo immenso do jardim botanico juncado de centenares de pessoas, a cavallo, a pé e de carro, umas passeando d'um lado e d'outro, estas sentadas, aquellas trepadas pelas arvores, pelos muros, em toda parte emfim á esperarem anciosos a annunciada corrida dos dous mais celebres cavallos que ainda se vio por estas alturas.

Um delles si bem me recordo, chamava-se *sanhaço*. Esse então era como nenhum. Contava em sua vida não menos de trinta victorias. Ora para um cavallo ja é alguma coisa.

Com este precedente quem não apostaria a seus pés até os cabellos? O outro tambem não lhe ficava muito atraz: o *gateado* diziam que não era de brincadeira.

O que é certo é que os dous tiveram adeptos, entusiastas temiveis. Até os *pre-tos* apostarão a sua *pinguinha*!

Eles estavam mesmo desafiando. Garbosos, e esbeltos cada qual como que parecia mostrar-se o mais tentador, o mais habil em desafiar palpites...

E a tarde ia pouco a pouco se sumindo no seio da noite...

Chegon por fim a desejada hora: fez-se o primeiro ensaio... mas ainda não. Fez-se o segundo... nada. Fez-se o terceiro: todos tremeram de alegria... mas oh! triste decepção!!

Os cavallos não desmentirão a raça, e faltaram no melhor da festa: um delles deo parte de doente!

—Não ha mais parellhas... ouviu-se então dizer.

E este brado passando de boca em boca, trouxe um desapontamento geral, que equivaleo á mais bem feita, e espirituosa cassoda.

Do desapontamento muito naturalmente passou-se ás injurias sobre os taes heroes, e por fim veio o debique, e debicado cada um foi voltando para sua casa, dando para o diabo as taes parellhas.

Eu tambem la fui; e agora, por desenfado, em honra a essa tarde memoravel tracei estas linhas.

9 de Abril.

GOLPE DE VISTA SOBRE A HISTORIA UNIVERSAL

POR FR. FIRMINO,

PROFESSOR NO SEMINARIO EPISCOPAL DE S. PAULO.

O christianismo tem passado por provas terriveis, mas nenhuma d'ellas lhe ha feito tanto mal como a exaltação dos fanaticos e a defesa dos padres. É uma triste verdade, mas é a verdade nua e pura que a Curia romana tem sido incansavel em promover o descredito da religião a mais sancta e a mais augusta que tenha jamais visto a luz do sol.

Não querendo fallar nos horrores da Inquisição nem n'essas famosas monterias contra os Albigenses, contentamo-nos com as intrigas dos Jesuitas que sempre contribuiam para affastar de Roma os pios olhos do senso commum e da honra.

Que se préguem em Roma irrisorias doutrinas, porque lá está o Papa e é de mister beijar-lhe os pés, concebe-se com desprazer e vergonha; mas que venham de Roma meia duzia de barbadinhos affrontar o sol da liberdade que nos allumia, assoalhando doutrinas, absolutistas e anachronicos systemas ultramontanos, é o que não póde entrar sinão na cabeça de creaturas menos afeiçoadas á sua patria do que aos interesses da Curia romana.

É incrivel, ninguem concebe como ha jovens brasileiros que ouvem sem indignação as prédicas e lêem sem colera essas paginas historico-religiosas do capuchinho Fr. Firmino. Não! essa mocidade livre, geração dos gloriosos fundadores da independencia nacional, nunca ha de dobrar a cerviz ao jugo dos padres, nunca ha de dissimular com o despotismo, nem politico, nem religioso! Máu grado os ensinios jesuiticos vivamente recommendados pela Curia romana, em que pesa aos homens do passado, jamais ella deixará de cumprir os votos de seus paes, realisando as generosas idéas que brotaram em flor nas veigas do Ypiranga!

Jovem e livre protestamos, com o riso nos labios e a compaixão no fundo d'alma, contra as doutrinas d'esses caprichos que cathechizam ao erro tão grande porção de moços, esforçando-se para implantar nos seus corações os germens da servidão monachal em que vivem os Romanos da moderna Roma.

Talvez não deveressem dar tamanha importancia ao *Golpe de vista* de Fr. Firmino; mas já é tempo de intervir a opinião publica na excellente instituição do Seminario Epis-

copal, cujo character vai-se disvirtuando pelos principios heterodoxos e paradoxaes que ali ensinam alguns professores.

O *Golpe de vista* de Fr. Firmino não apresenta novidade, sinão pessimo estylo, ausencia absoluta de critica historica e nenhum conhecimento da lingua em que está escripto. O *systema* geral não é d'elle, é de Bossuet, e consiste em subordinar todos os successos da historia politica, scientifica e artistica á historia da religião christã começada desde Adão.

A divisão da historia antiga em períodos de quinhentos annos cada um, o proprio frade reconhece que sendo *algum tanto engenho-sa é com tudo inexacta (!)*. E viva o Papa! não é assim Fr. Firmino?

E agora leiam a seguinte profundissima observação do Professor de Historia no Seminario Episcopal:

« Por um engano de Diniz o pequeno, « celebre chronologista do sexto seculo, cujo « computo acerca do Nascimento de Jesus « Christo foi adoptado, a era vulgar ou Chris- « tã, que segundo os calculos mais exactos « deveria começar a 4000 annos da creação « do mundo, só principia quatro annos mais « tarde, isto é, a 4004. *Entretanto como* « *apezar do erro conhecido continua-se a con-* « *tar da mesma maneira, não nos podemos* « *apartar do modo recebilo.*

Mas, Fr. Firmino, isto não é materia de fé nem de disciplina sequer: podia V. Ryma. corrigir qualquer erro, sem que por isso o seu opusculo fosse parar nas garras e desafiar as iras da Congregação do Indice.

Ora valha-nos Deus com Fr. Firmino!

Querem ver cousa ainda mais saborosa? A suppressão dos Jesuitas é, para Fr. Firmino, facto mais importante do que a Revolução franceza de 1789; pois é o ponto culminante, o successo o mais saliente da sua 16.^a epocha; ao passo que os heroicos e sempre gloriosos feitos da Constituinte passam quasi despercebidos, apezar de ser monstruosa a vista de Fr. Firmino que dá taes golpes na historia.

Elle considera a perda dos Jesuitas uma calamidade da Igreja. A existencia d'elles é que foi sempre um escandalo que maculou os fastos da Igreja. Gloria á Deus nas alturas e paz na terra a memoria de Pombal que os expulsou do Brazil!

Fr. Firmino V. Ryma. nunca leu a historia?

Ora dá-se, homem? . . .

Somos rapaz, mas brasileiro, e isto nos autorisa a darmos-lhe um conselho:

V. Ryma. anda errado com o povo brazi-

leiro. Elle é muito tolerante, muito pacifico, muito respeitador das leis da hospitalidade; porem tem uma mania tristissima: é não perdoar aos pobres de espirito. E' terrivel: elle ri-se até dos capuchinhos! E' uma profanação, eu sei; mas o que se lhe ha de fazer? a gente ha de ser palmatoria do mundo?

Sem mais cerimonia, Fr. Firmino.

† †

MOSARTE.

O facto seguinte lê-se no *Collectanea Cl. Castellani*. Na estrada real da Apulha, reino de Napoles, estava uma estatua de marmore, com esta inscripção em dialecto napolitano: — *No primeiro dia de maio, ao nascer do sol, eu terei uma cabeça de ouro.* — Por duzentos annos esteve erecta a estatua sem ninguem decifrar o sentido destas palavras mysteriosas. Um estrangeiro (sarraceno, diz Castellani) passando por alli, leu a inscripção, e capacitou-se de a ter interpretado, mas a ninguem communicou a sua suspeita. Como era já passado o primeiro de maio daquelle anno, continuou seu caminho; mas no anno seguinte voltou ao sitio pontualmente no ultimo de abril. No dia immediato, antes de nascer o sol, collocou-se ao pé da estatua, e observando com attenção onde cahia a sombra da cabeça da estatua, no momento exacto em que o sol surgiu do horisonte, mandou ali fazer escavações, e achou immensos thesouros.

A morte prematura é desgraçada que tiveram muitos escriptores da antiguidade é summamente notavel. Menandro morreu afogado no Pireo; Euripides e Heráclito foram despedaçados por uma matilha de cães; Empédocles precipitou-se na cratera do Etna; Hesíodo acabou a vida ás mãos de um assassino; Archiloco e Ibico foram mortos por um bando de saltadores; a celebre Sapho despenhou-se de uma rocha; Eschyles foi morto por uma tartaruga despedida das garras de uma ave de rapina; Anacreonte (ainda que não foi o unico no seu genero) levou-o uma tremenda borracheira; Cratino e Terencio acabaram em um naufragio; Seneca foi condemnado á morte por um tyranno; Lucrecio falleceu em um frenez de amor; Socrates e Demosthenes foram envenenados; Cicero morreu degollado.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.
COMEDIA-DRAMA EM CINCO ACTOS
E SETE QUADROS,

POR

Luiz de Bivar, Salvador de Mendonça e
Belfort Duarte.

Acto primeiro.
QUADRO PRIMEIRO.

Sala rica em casa do Conde d'Avila.

SCENA 1.^a

D. Francisco de Menezes, o Conde e a
Condessa.

(Continuação do numero antecedente).

D. FRAN.—E cem mil moedas não se levam para um convento.

COND.—Não.

CONDES.—Mas pôde-se, ao entrar para elle, doá-las a qualquer, e si elle o fizer em beneficio de outrem, meu marido, seu tutor, seu irmão, bem embaraçado ficaria em entregar-lh'as á vista.

D. FRAN.—E em beneficio de quem Fernando desherdará seu excellente irmão e sua amavel cunhada?

COND.—Sim—em beneficio de quem?

CONDES.—Ora... em beneficio da mulher que ama.

D. FRAN.—Pois elle ama alguma mulher?

COND.—Estaes bem certa disso? já vos confiou elle esse amor?

CONDES.—Não: talvez que elle mesmo não saiba que ama. Até agora tenho apenas leves indicios, brevemente, porém, terei provas.

COND.—E que indicios tendes?

CONDES.—O Visconde, como o sabeis, foi sempre de uma compleição mui delicada e extremamente nervoso... Sua infancia e quasi toda a sua mocidade se resumiram em um longo e doloroso soffrer. Quando menino, tinha desvarios que faziam receiar pela sua razão;—mancebo, busca constantemente o isolamento, a solidão, e até os creados affirmam que tem visto correrem-lhe lagrymas, cuja causa elle mesmo ignora.

COND.—É verdade: e lembra-me perfectamente que uns diziam então:—ha de morrer moço—e outros:—ha de morrer doudo.

CONDES.—Seu character excentrico conservou-o sempre arredado de nós e de seus amigos. Uma unica pessoa parece ter despertado as suas sympathias...

D. FRAN.—Quem é essa pessoa?

CONDES.—É a filha de um pintor, de um retratista, cuja officina fica junto desta casa. Meninos, cresceram juntos e mutuamente confiaram seus desgostos, seus pensamentos, com excepção de um só:—o de cada momento.

D. FRAN.—E que provas podereis haver dessa romantica e facilta paixão?

CONDES.—Mandei tirar o meu retrato pelo pae dessa menina, e, enquanto elle me retratava, diverti-me em fazer corar sete ou oito vezes a pequena Maria, fallando-lhe de Fernando. Voltei para casa e vi Fernando corar outras tantas vezes, quando lhe fallei de Maria. D'aqui a pouco sereis testemunhas da sua mutua commoção, quando estiverem juntos.

COND.—Nós?

CONDES.—Mandei chamar Fernando, e espero a menina que ha de trazer o meu retrato.

D. FRAN.—Com que fim?

CONDES.—*(Com ironia).* Para que separar dous ternos corações que o céu talvez creou um para o outro?..

D. FRAN.—Pretendeis casá-los?

COND.—Seria uma união inteiramente desigual.

CONDES.—Pelo contrario: seria uma excellente alliança! Pois não é isso o que nós queremos? Preferis que elle entre para o convento e disponha do que é seu? ou que case com uma menina da nossa gerarchia?—Neste caso cem moedas não seria um dote sufficiente e perguntariam quanto dariamos mais. Si o casamento for desigual, ninguem se importará com o que o Conde fizer em favor de seu irmão, que se ha de contentar com alguma pensãozinha, sem reclamar um ceutil do capital... que talvez com muito custo podessemos satisfazer.

COND.—Não ha duvida.

D. FRAN.—A Condessa tem razão; não contrariemos a inclinação de duas almas que se adoram e que não exigem contas do tutor.

CONDES.—*(Vendo entrar Fernando).* Silencio!

(Continuar-se-ha).